

INTEMPÉRIES: O EFÊMERO NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS

Giordano Alves Costa¹; Angela Raffin Pohlmann² (orientadora)

¹ Universidade Federal de Pelotas – giad.art@hotmail

² Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento algumas reflexões instigadas por uma produção artística realizada no Mestrado em Artes Visuais da UFPel, a partir do primeiro semestre de 2015. Com esta investigação, procuro abordar métodos que venham sugerir modos inusitados nos processos gráficos contemporâneos.

Encontro-me em um cotidiano impregnado de impressões, residindo em um ambiente rural, que me impele a usufruir dos recursos naturais, em busca de ampliar as possibilidades do fazer artístico fora de um atelier tradicional. Assim, tento interagir com o espaço que me cerca, buscando absorver as intempéries, para também desenvolver os processos gráficos, procurando alcançar diversas possibilidades nos modos de gravar e imprimir.

Através do contato entre os corpos, observo as transferências e impregnações que ocorrem muitas vezes de formas peculiares através dos processos, trilhando por caminhos que possam sugerir novos percursos, reflexões e conceitos. Também proponho modos de impressão que possam ser exploradas e percebidas em meio ao mundo que nos cerca, podendo assim levar a novas absorções ou sentidos às matérias usadas.

Com o intuito de ampliar os conceitos deste trabalho, amparo-me nas reflexões da artista Carolina Rochefort (2010), sobre a gravura e a impressão, no que se refere ao contato como principal agente impressor. Outras referências teóricas e artísticas abordadas são: José Gil, Andy Goldsworth e Marco Buti.

2. METODOLOGIA

No intuito de expandir esta investigação, alguns elementos orgânicos são inseridos nos processos criativos, permitindo assim pensar a gravura e a impressão em qualquer espaço ou lugar. Neste sentido, a intenção é incluir materiais que possam ir além de sua funcionalidade, tornando-se assim dispositivos reflexivos. Foram realizados experimentos com a produção de têmpera-ovo e corante natural sobre papel vegetal tamanho A4.

Inicialmente o corante foi anexado à gema de ovo, que interagiu ao processo como função de aglutinante. Esta mistura foi, então, esparramada no suporte, com o auxílio de um rolo de espuma. Logo a seguir os materiais ficaram expostos à intempérie (orvalho), por um período de aproximadamente 12h.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras abaixo (Fig. 1 e 2) são uma parte dos resultados dos trabalhos realizados no curso de mestrado em Artes Visuais. Como parte do desenvolvimento desta investigação, apresento duas obras com resultados inusitados. Nestes trabalhos, mesmo que o processo se repita os resultados nunca serão iguais, visto

que estes dependem da temperatura ambiente, do impacto da chuva, do vento, do orvalho, da chuva, e de outros fatores climáticos que interagem durante o processo criativo. Neste processo, acontece uma troca, um contato entre os corpos, ou seja, entre o suporte entintado e as diversas forças das intempéries. Este encontro permite visualidades curiosas, instigantes e impactantes, questionadoras ao que diz respeito à gravura e à impressão na contemporaneidade, como por exemplo a seguinte indagação: o que seriam o corpo e a matriz nestes processos?



Figura 1. Giordano Alves. Impregnação de chuva em papel entintado com corante alimentício, 21,5 x 29,7 cm, 2015.

Todos os trabalhos apresentados foram realizados no pátio de minha residência, fazendo parte de meu cotidiano. Diante destes processos, também compartilho do pensamento de Marco Buti, ao enfatizar que o artista pode refletir sobre o desenvolvimento de seu trabalho pensando na obra também como parte de uma reflexão peculiar, ou seja, a mesma também é resultado de parte da memória do artista, de sua vivência. Para melhor elucidar esta ideia, acrescento o seguinte trecho:

A elaboração de uma gravura, como de qualquer obra de arte é acompanhada de uma atividade mental. Manifestação no plano material corresponde a uma rede de associações, influências, memórias, anseios, conhecimentos, reflexões, que justamente ao realizar-se atinge a máxima concentração e exigência: Toma-se forma. É um processo vivo, cuja consequência mais digna é a própria obra (BUTI, 1996, p.107).

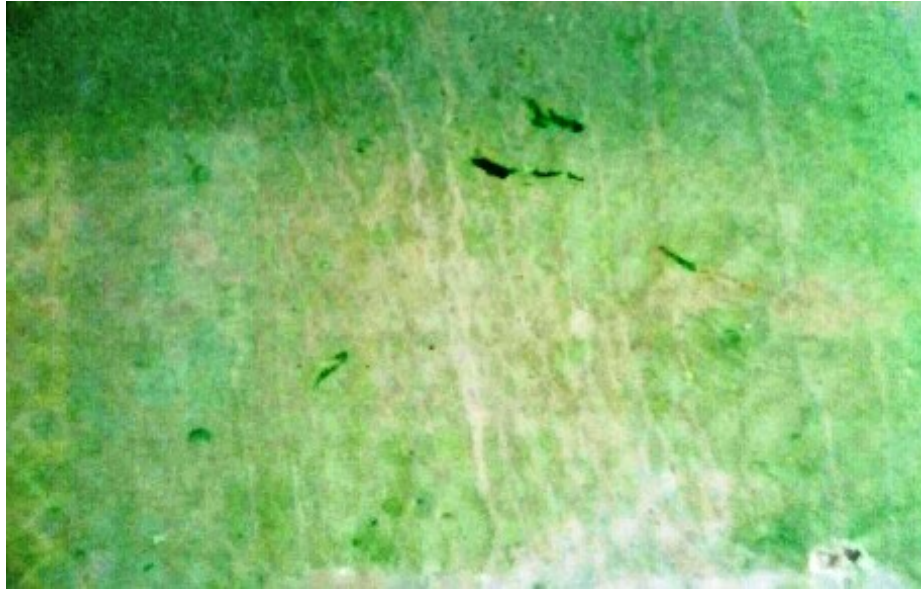


Figura 2. Giordano Alves. Impregnação de chuva em papel entintado, corante alimentício, 21,5 x 29,7 cm, 2015.

Com as obras acima, mergulho nas inquietações que elas provocam, não somente pela sua visualidade, mas também pelas nuances que surgem durante o processo de criação. Estas inquietações são inseridas e analisadas como um dispositivo, articulador de sentido, potencializador de reflexões e questionamentos sobre os métodos convencionais da gravura e impressão. Sinto nas obras uma captura de lugar, de sentimentos, fragmentos de corpos, ocasionados por rastros e vestígios, que me remetem a um olhar perceptivo, de uma presença-ausência.



Figura 3. Andy Goldsworth. Uma imagem de uma série "Started to rain, laid down, waited, left a dry shadow". Haarlemmerhout, Holanda, 29/08/1984.

Fonte: FERREIRA2006.

Nesta etapa do processo trago o artista Andy Goldsworth (Fig. 3) para exemplificar outros processos que partem do contato com a intempérie para produzir marcas. Nesta obra (Fig. 3), o artista interfere em um determinado espaço usando o seu próprio corpo: deitado ao solo recebe a chuva, e seu corpo molhado protege parte da grama que permanece seca, deixando uma marca seca sobre a grama molhada, como um vestígio de sua passagem por aquele lugar, como um registro da presença de uma ausência. Vendo isto também percebo estas ações como corpo receptor e impressor, pois a marca se dá a partir do encontro dos corpos (o corpo do artista e a intempérie).

Diante de tais pensamentos, sinto-me impregnado na seguinte passagem: “O olhar do artista opera todas essas transformações de fundo, de texto, de apagados, de altos e baixos, rasgos, reentrâncias e reminiscências, pois o artista rebate o seu olhar espacial sobre o sentir e vice-versa” (GIL, 1996, apud FERREIRA, 2006).

4. CONCLUSÕES

Acredito na possibilidade de existência de processos gráficos através de todo corpo existente, por intermédio do contato entre os mesmos, ou através de uma ação comum, como o caminhar ou pelas intervenções climáticas. Empenho-me em explorar maiores referenciais e conceitos concernentes à gravura e à impressão, para assim poder ancorar minha pesquisa com maiores conhecimentos sobre os assuntos aqui discorridos. Desta forma, posso também contribuir para as demais investigações sobre a gravura e a arte contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTAR, Brígida. **Catálogo da exposição** realizada na Galeria Nara Roesler. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.nararoesler.com.br/artists/34-brgida-baltar>>. Acesso em 25 nov. 2015.
- BUTI, Marco. **A gravação como processo de pensamento**. Revista USP, São Paulo (29) : p. 107-112, Março/Maio, 1996.
- GIL, José. **A Imagem-nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.
- FERREIRA, Lílíana Lobo. **Membranas [manuscrito]: a experiência na gravura e seus processos**. 2006. 64 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2006.
- ROCHEFORT, Carolina Corrêa. **A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) PPGAV- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS 2010.